

própria tribo; aí o alimenta e força-o a fazer descendência com mulheres da tribo vitoriosa para num dia de ritual matar ao prisioneiro e a toda a sua linhagem, conforme narra Vespúcio. O canibal devora durante uma festa essa diferença ou alteridade potenciada que se constitui no inimigo. Quando o prisioneiro é mulher, da mesma maneira o canibal se une a ela para um dia a matar e <sup>Sacrificar e Smitizar</sup> devorar.

Vespúcio será um canibal do conhecimento. Também tratará de aprisionar e resgatar alteridades, trazendo-as para o interior da sua própria linguagem de europeu renascentista, na qualidade de coisa distinta, que sublinhará insistentemente. Nessa condição, tentará pensá-las ou apreendê-las.

Mas o que é que Vespúcio viu? Ou o que é o falsificador agindo em seu nome e realizando um verdadeiro trabalho de escritor, descobriu nos interstícios dos relatos bruscos de marinheiros e navegantes? Com certeza, um pavor e um prazer, um abismo e uma altura, a rigor, sem referência e sem termo. A vegetação, as aves, os odores e os rios, as estrelas e as diversas línguas... Sentiu-se mergulhado, vibrando numa luminosidade e num ritmo, humano e animal, por uma experiência de espaço para ele inaudita. Que se atente para o levantamento de etnólogo, aplicado, com que se inclina para as coisas que encontra, a tenacidade com que se volta e empresta termos das disciplinas humanistas querendo fazer para olhos europeus por esse meio as diferenças se expandirem.

Resta que as linguagens que ocorriam a Vespúcio não tinham a mesma plasticidade ou a mesma capacidade de assimilação que o corpo canibal. A esse desejo do diverso agindo sobre o código, sobre o latim ou sobre outras linguagens fortemente solidificadas, escaparão por algum modo a luminosidade, a nudez das cores e o ritmo que, atingindo quem olha com mais intensidade que as figuras, forçam uma vibração maior. É isso que explica a presença forte de indizíveis no texto das cartas. Inimagináveis, irreduzíveis ao código, irrepresentáveis, as forças que dessa forma se desencadeiam fazem caminho em silêncio ou com a violência de um fluxo que impõe a sua força. Há muitas frases felizes e radiantes nessas cartas, há o termo "Novo Mundo", e há outros resultados dessa experiência monstruosa de cognição ou de união de coisas dissemelhantes, que serão, em termos de linguagem, as lacu-

nas, a sensação de que lhe faltam os termos ou de que se dissesse não seria acreditado.

Vespúcio, dado as noções de harmonia que conhecia e que em sua cidade se praticavam às raias do sublime, hesita em inscrever seres monstruosos na língua. Anos mais tarde, o douto Rabelais, de um apetite imenso e de uma fisiologia copiosa, praticará o canibalismo ou a glutoneria do estranho como doutrina artística e medicinal, e fará através das suas figuras literárias alusões a esses costumes e a outros barbarismos, tomando-os mola propulsora do humanismo. Quase um século depois de Vespúcio, Montaigne, do mesmo modo, quanta coisa já não reivindicará dessas qualidades bárbaras, ou de quantas não falará a começar pelo comentário na dedicatória dos "Ensaaios".

Vespúcio não possui o dom, ou vem muito próximo à tradição platônica e cristã, para se permitir o que estes últimos se permitem. Fará então a queixa de não poder escrever ou de que lhe falta ainda observar, tanto quanto irá anunciar a intenção de, no futuro, ainda compor a obra. Não lhe falta entretanto discernimento desde o primeiro texto para ver a distância que o separa da experiência, do sentido e do trajeto focalizados na "Divina Comédia". A primeira referência a esse poema nos seus textos, a citação da passagem em que Dante admira as estrelas, que consta na primeira carta, diz respeito a um momento bem específico do trajeto do poeta e do sentido mais forte da sua peregrinação. O poeta está saindo do momento mais negro da sua viagem, acabara de ver Lúcifer, e está no rumo do Purgatório. Então nessas condições ele canta a beleza natural das quatro estrelas. Mas essa beleza na concepção de Dante é uma exceção. A sua viagem segue sempre para um grau de abstração cada vez mais elevado. Desde o início as suas descrições apesar de atenciosas, no percurso do Inferno, guardam o forte tom de angústia que está na base da produção alegórica. A sua tentativa é invariavelmente a de refundir a experiência numa representação abstrata e com um sentido moral. Os momentos de atenção mais acurada ao ato de andar e aos acidentes geográficos que encontra no caminho estão no trecho do Inferno. O relevo, para essa visão, é parte integrante do Inferno. E se não fosse pela atualização da penitência que ele proporciona ao ser difícil e árduo, essa visão preferiria com toda evidência uma rodovia como as atuais. O sinal do alívio da alma é a estrada se suavizando, até